

O DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO NA VISÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SOUZA, Camila Valesca Teixeira de¹
SOUZA, Maressa Ferreira da Silva Torres de
JESUS, Rodrigo Ramos de
OLIVEIRA, Tatiana Goncalves de
BELLO, Wallace Peixoto.
MACEDO, Fernando Corrêa de

RESUMO

Essa pesquisa investiga o abandono do compromisso docente por professores de educação física escolar que, na visão de Machado et al (2010), estabelece a noção de “estado de desinvestimento pedagógico”. A expressão “professor rola a bola” caracteriza o docente de educação física sob a perspectiva teórica desses autores fundamentada no trabalho de Huberman. A discussão crítica sobre a prática pedagógica dos professores de educação física foi desenvolvida no contexto inicial do movimento de renovação da educação física nos anos finais da década de 1970 e durante as décadas de 1980 e 1990. Analisando autores com diversas pesquisas sobre a prática pedagógica em educação física estabelecemos uma visão ampla das razões que fundamentam os questionamentos ao compromisso dos professores de educação física com suas aulas. Essa foi uma pesquisa qualitativa baseada em um trabalho de campo, que utilizou um formulário de pesquisa com vinte e uma questões como instrumento de coleta de dados. A amostra de pesquisa contou com oito professores de educação física escolar. Os professores participantes dessa pesquisa não se reconhecem em estágio de desinvestimento pedagógico, porém, apontaram momentos de dificuldades em suas trajetórias docentes. As principais razões declaradas pelos professores em relação aos entraves para as suas práticas pedagógicas são as condições precárias de investimento na Educação Física escolar. Embora, o reconhecimento social do trabalho desenvolvido pelos professores de Educação Física, o estado físico precário das escolas, a falta de material para as aulas e a falta de investimento na Educação apareçam como fatores que desagradam os professores que formaram a amostra dessa pesquisa, o grau de satisfação e compromisso dos professores com sua profissão esteve evidenciado em suas falas.

Palavras-chave: desinvestimento pedagógico; docentes; educação física escolar; ensino básico.

ABSTRACT

This research investigates the abandonment of the teaching commitment by physical education teachers, in view of Machado et al (2010), establishes the notion of "pedagogical disinvestment state." The term "teacher rolls the ball" characterizes the teaching of physical education in the theoretical perspective of these authors based on the work of Huberman. The critical discussion about the pedagogical practice of physical education teachers was developed in the initial context of the renewal

¹ MACEDO, Prof. Dr. do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Celso Lisboa; SOUZA, SOUZA, JESUS, OLIVEIRA e BELLO, Graduandos do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Celso Lisboa.

movement of physical education in the final years of the 1970s and during the 1980s and 1990s. Analyzing authors with diverse research on the pedagogical practice physical education established a broad view of the reasons for the questions the commitment of physical education teachers with their classes. This was a qualitative study based on fieldwork, which used a search form twenty-one issues such as data collection instrument. The research sample consisted of eight teachers of physical education. Participating teachers of this research do not recognize themselves in pedagogical disinvestment stage, however, showed moments of difficulty in their teaching careers. The main reasons reported by teachers in the face of obstacles for learning practices are poor conditions for investment in Physical Education. Although the social recognition of the work done by physical education teachers, the poor physical state of schools, lack of material for the classes and the lack of investment in education appear as factors that displease the teachers who formed the sample of this research, satisfaction and commitment of teachers to their profession was evident in their speech.

Keywords: pedagogical disinvestment; teachers; school physical education; basic education.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa parte do referencial teórico de Machado et al. (2010) que afirmam existir um desinvestimento pedagógico dos professores de Educação Física escolar (EFE). Os autores analisam o trabalho de Huberman (1995 apud Machado et al., 2010, p. 131-132) que estabelece uma taxonomia da profissão docente e a classifica em estágios sendo a fase de desinvestimento pedagógico uma etapa final da vida profissional dos professores.

Porém, em vez de tornarem o desinvestimento pedagógico dos docentes como uma fase alocada no final de suas trajetórias profissionais, Machado et al. (2010) utilizam o termo desinvestimento pedagógico para caracterizar um “estado” pelo qual podem passar os professores de Educação Física, distanciando-se, assim, da formulação original de Huberman que entende esse fenômeno “como algo dotado de cronologia ou linearidade” (p. 132). Os autores estabelecem, então, o conceito de estado de desinvestimento pedagógico (EDP) e atribuem determinadas características às práticas desenvolvidas pelos professores que se encontram no EDP.

As práticas peculiares aos professores em EDP são refletidas na forma pejorativa como são denominados tais professores de EFE: “administradores do material didático”; “professor rola bola”; “pedagogia da sombra”(MACHADO et al.,

2010, p.132-133.); “largobol”; “aula matada”(GONZÁLEZ et al., 2013, p.3). Essas expressões identificam a falta de intencionalidade na prática pedagógica dos professores de EFE, aquilo que González e Fensterseifer (2006, p. 739-740 apud MACHADO et al., 2010, p. 133) chamam de “não-aula”.

Segundo Dessbesell (2014) os professores de EFE que assumem uma postura de comprometimento com suas aulas sentem-se impedidos pelos professores “rola bola” em reverter o quadro de desprestígio da área da EFE. A autora ressalta que os professores associam seu comprometimento pedagógico com a tentativa de alcançar um reconhecimento da EFE em suas escolas. Porém, questiona se o processo de legitimação da EFE como área de conhecimento ocorrer apenas por conta das ações dos professores que estão em EDP.

Segundo Paz e Silva (2014) a explicação de parte do que acontece com os professores “rola bola” está ligada ao fato de que:

Algumas situações ou temas da Proposta Curricular exigem do professor saberes mínimos necessários para conduzir a aula. No entanto o professor se vê de mãos atadas diante da falta de conhecimento [...] devido à baixa qualidade de sua formação acadêmica e ausência de uma formação continuada em serviço (p.13).

Entendemos, como Neira (2011), que a formação do professor pode influenciar no seu comportamento em sala de aula, levando-o a assumir características idênticas às do EDP. Porém, trata-se, nesses casos, de incompetência pedagógica para conduzir intencionalmente suas aulas.

Pich, Schaeffer e Carvalho (2013) analisaram a cultura escolar e as expectativas da escola sobre o trabalho dos professores de EF em uma escola do estado do Paraná. Concluíram que existe um abandono que “torna-se funcional à dinâmica da cultura escolar” e o denominam “abandono funcional do trabalho docente”.

Pois, através das práticas consideradas de abandono, o professor acaba suprindo as expectativas da direção e dos alunos do colégio. Assim, o professor se sente realizado e completo, reforçando a manutenção de suas práticas. Por outro lado, a professora que assume o compromisso com a formação humana e não utiliza os “atalhos”, paga um preço altíssimo por manter essa postura, não recebendo o mesmo reconhecimento por parte dos demais atores escolares (p. 641).

Os autores ressaltam que os profissionais, professores e outros atores, permanecem em seus postos de trabalho nas escolas e desenvolvem suas atividades

satisfazendo às expectativas da comunidade escolar, porém, notadamente, suas ações estão aquém das propostas de suas áreas acadêmicas.

Segundo Bracht e Silva (2012, p.81) a EFE não incorporou à sua prática os “avanços epistemológicos e teóricos” propostos pelo movimento de renovação da Educação Física (MREF) que, desde a década de 1980, faz críticas às formas que as aulas de EFE são planejadas e conduzidas.

Os autores caracterizam as práticas pedagógicas em três perfis: (1) a que foi construída nas décadas de 1970 e 1980 e que representa uma tradição que se mantém na escola; (2) a que caracterizam como desinvestimento e (3) a que busca a inovação e que procura desviar-se da tradição instalada. Esse terceiro grupo promove as “práticas inovadoras” que, embora os autores assumam não poderem ser definidas tecnicamente de uma maneira única, seria a forma correta de atuar pedagogicamente na EFE. Assumem que na área da EF as práticas eram consideradas inovadoras por sua relação com a “transformação (ou não) da sociedade capitalista”.

[...]nas décadas de 1980 e 90 tendeu-se a conferir à intenção de mudança da prática pedagógica um caráter mais imediatamente político, inclusive adjetivando a prática pedagógica como transformadora ou mesmo, revolucionária da ordem social. Ou seja, o critério central para julgar a inovação era sua contribuição para a transformação (ou não) da sociedade capitalista. É claro que esta é apenas uma conotação possível do conceito de inovação pedagógica. Outra poderia ser a vinculada à utilização de novas técnicas de ensino que lhe confeririam maior eficácia em termos de aprendizagem dos conteúdos, sem, no entanto, discutir o significado desses conteúdos para a vida do cidadão. Assim, percebemos logo que não é possível “definir tecnicamente” o conceito (BRACHT E SILVA, 2012, p. 83).

Portanto, as críticas promovidas pelo MREF às práticas dos professores de EF aconteceram em um momento político específico, porém, ecoam até os dias atuais. Identificar os professores de EF como estando em EDP não é critica-los, apenas, por sua posição de estagnação no interior de sua carreira docente.

Soriano e Winterstein (1998) afirmaram que o conteúdo das críticas aos aspectos políticos e sociais das práticas dos professores de EF eram adequadas, “sobretudo considerando-se a época em que foram escritas”, porém, evidenciaram a ausência de formulações que pudessem “precisar o que deveria fazer parte, concreta e especificamente, do desempenho profissional do professor de educação física” (p. 146).

Embora o quadro teórico apontado por Machado et al.(2010) possa existir, os autores reeditam o discurso do MREF, que promove a crítica sobre os conteúdos e

procedimentos ideais para a EFE, acusando os professores de não desempenharem seus papéis sociais e profissionais de forma correta.

O objetivo primário dessa pesquisa foi verificar se os professores de EF se reconhecem em EDP. Os objetivos secundários foram, a saber, (a) compreender as possíveis razões do EDP em professores que se auto reconhecessem em EDP; (b) identificar as situações cotidianas que possam promover o EDP; (c) analisar o grau de satisfação dos professores com sua profissão.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na cidade do Rio de Janeiro e tratou-se de uma pesquisa qualitativa baseada em um trabalho de campo desenvolvido a partir das respostas de professores de Educação Física de escolas da rede pública e privada. A amostra de trabalho foi composta por oito professores.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um formulário de pesquisa com vinte e uma questões. Um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi apresentado àqueles que concordaram em participar da pesquisa.

Inicialmente a proposta de pesquisa consistia em utilizar, apenas, entrevistas semiestruturadas. Porém, mediante à recusa de alguns sujeitos de pesquisa em concederem as entrevistas sob a alegação de falta de tempo, optou-se pela elaboração do formulário que pudesse manter a essência das questões presentes no roteiro de entrevista e que pudesse ser respondido pelos professores de EFE com maior agilidade. A amostra de pesquisa foi escolhida por conveniência entre aqueles que aceitaram responder ao formulário de pesquisa.

As respostas dos professores para cada uma das perguntas do formulário de pesquisa foram analisadas de forma a classificar o conteúdo das falas dos professores e compara-lo com as posições teóricas dos textos de referência dessa pesquisa. Os dados relevantes para a discussão desse trabalho estão em quadros na seção de apresentação e análise dos dados da pesquisa.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

O Quadro 1 apresenta os dados de pesquisa dos professores participantes da amostra desse estudo em relação à formação acadêmica, à formação continuada e à experiência profissional em EFE.

Quadro 1 – Dados sobre os professores entrevistados

| Professor | Gênero | Idade (anos) | Instituição de formação/ Tempo de formado (anos) | Formação continuada/ Nível de estudos | Rede de ensino/ Tempo de magistério |
|-----------|--------|--------------|--|--|---|
| 1 | F | 31 | Gama Filho 9 anos | Pós-graduação em Educação Física escolar | Rede Municipal 6 anos |
| 2 | M | 34 | Unisuam 8 anos | Pós-graduação em Educação Física escolar | Rede Municipal 3,5 anos Rede Privada 3 anos |
| 3 | M | 38 | Unisuam 9 anos | — | Rede Privada 9 anos |
| 4 | M | 39 | UERJ 16 anos | Pós-graduação em fisiologia do exercício | Rede Municipal 12 anos Rede Estadual 9 anos |
| 5 | M | 34 | Unisuam 5 anos | — | Rede Privada 1 ano |
| 6 | M | 44 | UFRJ 18 anos | — | Rede Municipal 7 meses Rede Estadual 16 anos |
| 7 | M | 36 | UFRJ 13 anos | Pós-graduação em psicomotricidade | Rede Municipal 13 anos Rede Estadual 9 anos |
| 8 | F | 53 | UFRJ 30 anos | Pós-graduação em fisioterapia de UTI | Rede Municipal 13 anos Rede estadual 17 anos |

Fonte: dados primários da pesquisa

Os professores têm a média de idade de 38,6 anos, média do tempo de formado de 13,5 anos e a média de 9,7 anos de tempo de trabalho em escolas. Nenhum dos professores entrevistados encontra-se, portanto, na fase final de suas carreiras profissionais.

As tabelas de 1 a 10 apresentam os dados dos formulários de pesquisa dos professores de EFE. A tabela 1 refere-se às respostas dos professores sobre os motivos da escolha pela profissão de professor de EF.

Tabela 1 – Respostas dos professores para a pergunta: Por que escolheu essa profissão?

| Professor | Resposta |
|-----------|----------|
|-----------|----------|

- 1 Resolvi seguir a profissão, pois, meus pais também eram professores de educação física e eu já trabalhava em clubes, com a natação.
- 2 Sempre pratiquei atividade física e percebendo os benefícios que ela nos proporciona, resolvi seguir a profissão e não me arrependo da escolha.
- 3 Porque gosto de poder ajudar as pessoas a terem qualidade de vida.
- 4 Fui atleta e trabalhei com alto rendimento, mas no meio do curso me apaixonei pela função de professor.
- 5 Porque me identifico com a capacidade do ser humano em aprender e se desenvolver fisicamente tendo como corpo como uma máquina.
- 6 Influência direta de um professor.
- 7 Tive um professor de natação muito querido, onde me espelhei nele.
- 8 Sonho de criança.

Fonte: dados primários da pesquisa

O interesse em ingressar na profissão aparece em nossa amostra de pesquisa pela influência de familiares ou de professores na fala de três entrevistados. Quatro professores escolheram a profissão sem relatar nenhuma influência específica por outra pessoa, porém, apontam fatores de vínculo com esportes e atividade física como determinantes da escolha realizada. Maturano (2004) defende que o processo de escolha da profissão seja orientado pelo conhecimento prévio do campo de atuação de cada carreira diminuindo, assim, as possibilidades de equívocos e perdas individuais. No caso da EFE o fato de ter sido atleta ou o ter conhecimento prático em alguma área de atuação da EF fora da escola não garante que o professor tenha vocação para o magistério.

A tabela 2 mostra os resultados relativos à satisfação profissional dos entrevistados. Quatro professores afirmam a satisfação plena com a carreira escolhida. Dois professores relatam satisfação parcial e ressaltam a importância de melhorar as condições de trabalho da categoria. Um dos professores afirma satisfação momentânea e outro demonstra sua insatisfação profissional. Bracht (2012) analisa a situação da carreira em EF e cita como fatores negativos para a realização pessoal na profissão a falta de reconhecimento social, as condições precárias de trabalho e os seus baixos salários.

Tabela 2 – Respostas dos professores para a pergunta: Você está satisfeito profissionalmente?

| Professor | Resposta |
|-----------|------------------|
| 1 | No momento, sim. |

- 2 Sim. Estou muito feliz com minha escolha.
- 3 Digamos que sim, mais temos que melhorar.
- 4 Não porque falta valorização profissional e financeira.
- 5 Um pouco mas preciso e quero melhorar minha renda salarial do profissional de educação física.
- 6 Sim, muito.
- 7 Sim, muito.
- 8 Sim, muito.

Fonte: dados primários da pesquisa

Aciolly (2005), Folle e Pozzobon (2007) e Folle et al (2008) expõem que a insatisfação profissional na área da EFE aumenta com o avanço da carreira docente. Soriano e Winterstein (1998) afirmam que em sua pesquisa os professores de EFE apresentavam uma tendência à satisfação profissional maior quando comparados com os professores das disciplinas de matemática e português.

Sete (87,5%) dos participantes dessa pesquisa relatam a satisfação plena ou parcial com a profissão. Embora não estejam no estágio final de suas carreiras os professores possuem bastante tempo de trabalho. Os dados sobre a satisfação profissional dessa pesquisa apontam para a necessidade de investigar o contexto de trabalho dos professores, pois, a satisfação docente parece ser multifatorial.

O salário, o reconhecimento social e as condições materiais de trabalho aparecem como fatores citados como fonte de insatisfação profissional. Nas tabelas 3, 4 e 5 estão apresentadas, respectivamente, as respostas para a percepção da amostra de pesquisa para o reconhecimento social da EF, para o reconhecimento entre os agentes escolares e sobre os investimentos na EF por parte da escola.

Dois professores responderam negativamente sobre o reconhecimento social da EF. Um deles acredita que falta o prestígio social para a EF, porém, que isso não afeta sua prática pedagógica, enquanto o outro professor responde como a professora participante da pesquisa de Dessbesell (2014) atribuindo aos profissionais que não têm um planejamento e “dão a bola para os alunos e saem de sala de aula” a responsabilidade pela falta de reconhecimento do trabalho da EF na escola.

Tabela 3 – Respostas dos professores para a pergunta: Na sua opinião, a EF tem um reconhecimento social em relação a sua atuação?

| Professor | Resposta |
|-----------|--|
| 1 | No geral acredito que não. Em relação a minha atuação procuro estar sempre ministrando aulas diferentes do habitual, para chamar um pouco mais a atenção dos alunos. |
| 2 | Sim. Sempre fui reconhecido pelo meu trabalho em ambas as escolas onde leciono. |

| | |
|---|---|
| 3 | Sim, tanto na área escolar como nos projetos e até mesmo nas academias, sempre percebi esse reconhecimento. |
| 4 | Sim |
| 5 | Sim |
| 6 | Não, ainda tem muita gente com um pré-conceito, devido ainda existir muitos professores que dão a bola e saem fora da aula, com isso atrapalha o reconhecimento daquele que trabalha para que os alunos conheçam outro esporte. |
| 7 | Sim, a valorização incrível que parece tem um feedback maior na academia do que na escola, na escola tem um reconhecimento da lei, mas a valorização profissional na prática é diferente |
| 8 | Sim |

Fonte: dados primários da pesquisa

O reconhecimento dos outros professores ao trabalho desenvolvido na EF obteve um índice de 50% para o aspecto favorável dessa relação entre os docentes de disciplinas diferentes com aqueles participantes dessa pesquisa. Três (37,5%) professores mencionaram alguma percepção desfavorável, porém, não evidenciaram a forma como identificam a falta de reconhecimento de seus companheiros de docência. Um (12,5%) professor menciona “brincadeiras” realizadas por outros docentes dirigidas a ele e considera como exemplo da falta de reconhecimento da EF o fato da disciplina ser pouco requisitada para compor projetos educacionais transdisciplinares.

Tabela 4– Respostas dos professores para a pergunta: Você já percebeu falta de reconhecimento dos seus colegas em relação ao seu trabalho?

| Professor | Resposta |
|-----------|--|
| 1 | Não! Pelo contrário sempre procuramos fazer projetos em conjunto. |
| 2 | Sim, algumas vezes, por conta de brincadeiras e falta de interesse da parte dos colegas, para participar de alguns projetos em conjunto. |
| 3 | Nunca, tenho uma relação bem tranquila com todos. |
| 4 | Sim, muitas vezes. |
| 5 | Um pouco. |
| 6 | Nunca tive problema algum, sempre respeitaram o meu trabalho |
| 7 | Um pouco. |
| 8 | Nunca tive problema algum, sempre respeitaram o meu trabalho |

Fonte: dados primários da pesquisa

O investimento precário em materiais é mencionado por três (37,5%) professores.

Tabela 5 – Respostas dos professores para a pergunta: Você acha que escola investe na educação física?

| Professor | Resposta |
|-----------|---|
| 1 | Não falta força de vontade, mas por escassez de materiais, não há investimento. |

| | |
|---|---|
| 2 | Não. A pública sem comentários! Falta tudo! Apesar de ter um bom espaço, falta material, falta incentivo etc. Na particular apesar de ter um espaço muito bom com 2 quadras, 2 piscinas (vazias), não exista manutenção, material muitas vezes nós professores levamos o nosso, para fazer uma aula diferenciada. |
| 3 | Não, nesse ponto estou sempre colocando em pauta, pois sempre falta algum material e incentivo da parte da direção. |
| 4 | Sim, muito |
| 5 | Sim, muito |
| 6 | Sim, um pouco |
| 7 | Sim, um pouco |
| 8 | Sim, um pouco |

Fonte: dados primários da pesquisa

Quando perguntados sobre os fatores que prejudicam o desenvolvimento de suas aulas os professores responderam como na tabela 6. Apenas um dos professores não relatou algum empecilho para a sua atuação na escola. Os pontos principais foram a falta de material (75%) e o espaço inadequado para as aulas (50%). A falta de interesse dos alunos (12,5%), a falta de apoio da direção (12,5%) e os salários (12,5%) também apareceram nas falas dos professores.

Tabela 6 – Respostas dos professores para a pergunta: A partir da sua experiência como professor de EF, pode nos relatar quais os principais empecilhos para que você desenvolva suas aulas da forma que considera ideal?

| Professor | Resposta |
|-----------|---|
| 1 | Turmas menos cheias, investimento de materiais (falta muita coisa nas escolas municipais), investimento em formação e 1/3 de planejamento das aulas, como determina a lei. |
| 2 | Investimento em materiais, incentivo da direção, valorizar o profissional. |
| 3 | Material, ferramentas de trabalho onde a escola e professores trabalhem em equipe. |
| 4 | |
| 5 | A falta de interesse por parte dos alunos, a escola não é tão bem estruturada com quadras poliesportivas, as aulas são em locais improvisados, o material nem sempre em bom estado. |
| 6 | Espaço adequado, amplificação de salas para ser trabalhado outros tipos de modalidades (...) Mais a questão de investimento mesmo (...) |
| 7 | O que atrapalha o professor a trabalhar, não estou falando do professor o desinvestido pedagogicamente e sim que o desinvestimento financeiro sim é um empecilho. |
| 8 | Falta de material esportivo, quadra adequada com postes para rede de vôlei, baliza de basquete. Quadra coberta, piso regular e liso |

Fonte: dados primários da pesquisa

Parece-nos, portanto, que o nível de satisfação dos professores não está relacionado com o tempo de trabalho e pode afetar os professores em qualquer estágio de sua vida profissional.

As tabelas 7 e 8 apresentam as respostas dos professores sobre o EDP e sobre suas expectativas em relação aos seus futuros profissionais.

Tabela 7 – Respostas dos professores para a pergunta: Você se considera um professor que esteja em estado de desinvestimento pedagógico

| Professor | Resposta |
|-----------|--|
| 1 | Quando me deparo com a realidade em que trabalho, muitas vezes me sinto desmotivada, mas tento ao máximo superar essas barreiras e seguir adiante com aquilo que acredito. |
| 2 | Não. Procuo driblar a dificuldades e fazer meu bom trabalho com meus alunos. |
| 3 | Não, faço meu trabalho com amor, apesar de muitas vezes ter dificuldades para conseguir incentivo da parte da escola, sempre procura inovar e adaptar o que tenho em mãos para fazer uma boa aula. |
| 4 | Sim |
| 5 | Acho que não |
| 6 | Não me considero, de maneira alguma |
| 7 | Não |
| 8 | Não, em parte. Estou praticamente aposentada em uma das matrículas, já tenho o tempo necessário, só aguardando a liberação |

Fonte: dados primários da pesquisa

Tabela 8 – Respostas dos professores para a pergunta: Quais são suas expectativas em relação sua vida profissional?

| Professor | Resposta |
|-----------|---|
| 1 | Que sejam mais valorizadas pelos alunos e responsáveis do que as dos dias atuais. |
| 2 | Tenho visto uma melhora na minha vida profissional, mas ainda acho que em termos de valorização profissional ainda estamos atrás de outras áreas como direito, engenharia, medicina. Preciso de mais tempo para estudar mais e continuar na minha formação acadêmica. |
| 3 | De inovar trazer novos conceitos. |
| 4 | Pretendo me aprofundar na EF na atualidade |
| 5 | Não pretendo trabalhar muito tempo na escola |
| 6 | Continuar dando aula na escola |
| 7 | Continuar dando aula na escola |
| 8 | Outros: estou próxima da aposentadoria no município, portanto, já estou em contagem regressiva. No estado, ainda motivada, trabalho em uma boa escola |

Fonte: dados primários da pesquisa

Sete (87,5%) dos entrevistados não se consideram em EDP, mas reconhecem que existem problemas e fazem o possível para superar as dificuldades e ministrar aulas de qualidade. A professora 8, aquela que possui maior tempo de carreira em

nossa pesquisa, diz que ainda trabalha motivada. O professor 4 afirma que, com dezesseis anos de carreira, já se encontra em EDP.

Esses dois professores parecem personificar o que Porath et al (2011) e Folle e Nascimento (2010) comentam sobre o “desinvestimento sereno” e o “desinvestimento amargo” na obra de Huberman. Enquanto o primeiro conceito está relacionado com o sentimento de sucesso na carreira docente, o segundo aponta para uma “sensação de desespero, seguida de uma estagnação no plano profissional” (FOLLE; NASCIMENTO, 2010, p. 507). Esses conceitos pertencem às fases que estão alocadas próximo ao final da trajetória profissional docente na taxonomia de Huberman.

No caso do professor 4 o “desinvestimento amargo” parece acontecer precocemente e estar relacionado com as condições de trabalho, que não o permitem desempenhar satisfatoriamente seu papel docente. Ressalta-se que o professor afirma na tabela 2 (p.12) sua insatisfação com a valorização profissional e financeira da carreira docente. No entanto, em relação às expectativas para a sua vida profissional, afirma, na tabela 8, pretender “aprofundar na EF na atualidade”.

Os dados das tabelas 7, relativos à pergunta sobre o auto reconhecimento do EDP pelos professores, acabaram por representar o índice de motivação profissional dos professores. Os dados reunidos nas tabelas 8, 7, 6 e 5 permitiram analisar a distinção entre desinvestimento pedagógico, estado de desinvestimento pedagógico, abandono profissional e desmotivação docente.

As contribuições dos professores para o entendimento dos fenômenos acima citados permitem que coloquemos em dúvida a propriedade da construção do termo EDP. Os dados dessa pesquisa indicam que aquilo que é entendido como EDP no trabalho de Machado et al. (2010) não tem relação com o trabalho de Huberman, por não identificar o tempo de docência como fundamental em sua construção. Despreza-se naquela construção teórica de Machado et al. (2010) a influência da falta de investimentos e políticas de Estado para a Educação e para a Educação Física na prática docente, fatores que aparecem nos dados dessa pesquisa com bastante recorrência.

Tabela 9 – Respostas dos professores para a pergunta: Por que a EF é importante na escola?

| Professor | Resposta |
|-----------|---|
| 1 | Socialização e incentivo à prática de esportes ou atividade física. |

- 2 Para o desenvolvimento cognitivo, sócio afetivo e motor. Serve para despertar o senso crítico do aluno.
- 3 Porque trabalhamos vários assuntos e aspectos sociais, procuro não usar apenas as aulas convencionais com os jogos que frequentemente são aplicados.
- 4 Além das atividades motoras, a contextualização social, fundamental para as escolas públicas, principalmente nas comunidades carente.
- 5 A importância e a integração social, saúde, aptidão física e psicologicamente inibir ansiedade e controle da mente e corpo.
- 6 Trabalha a questão da socialização, integração, a única oportunidade hoje da criança fazer uma atividade física, [...] de ter esse contato com o esporte é na escola [...] hoje devido à violência atrapalha muito esse contato.
- 7 Muito bom para trabalhar o cognitivo também
- 8 Promover a interação social e gosto pela atividade física

Fonte: dados primários da pesquisa

As respostas dos professores acima apresentadas identificam várias categorias para expressar a importância da EF na escola. A categoria de “desenvolvimento social dos alunos” assume a característica da inclusão social. Apenas dois professores referem-se ao “social” indicando a importância da disciplina para “contextualizar o social” e para “despertar o senso crítico do aluno”, essa atitude seria a esperada em Bracht e Silva (2012) como representante da “prática inovadora” sob o viés do comprometimento político do professor com as mudanças do sistema capitalista.

Dessa forma entendemos que a fonte das críticas ao trabalho exercido pelos professores de EF por Machado et al. (2010) é fundada em uma concepção de atuação pedagógica que ignora as condições adversas da docência na área da EFE no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores participantes dessa pesquisa não se reconhecem em EDP, porém, apontaram momentos de dificuldades em suas trajetórias docentes. As principais razões declaradas por aqueles professores em relação aos entraves para as suas práticas pedagógicas são as condições precárias de investimento na Educação Física escolar. Embora, o reconhecimento social do trabalho desenvolvido pelos professores de Educação Física, o estado físico e material das escolas e a falta de investimento na Educação apareçam como fatores que desagradam os professores que formaram a amostra dessa pesquisa, o grau de satisfação dos professores com sua profissão esteve evidenciado em suas falas.

O nível de satisfação dos professores frente às dificuldades da docência em Educação Física no ensino básico pode afetar os professores em qualquer estágio de sua vida profissional. A construção de Machado et al. (2010) parece fundamentar-se nas críticas a um estereótipo de professor de Educação Física feitas pelo MREF que negligencia as condições ruins do trabalho docente no Brasil. Nessa pesquisa os professores mostraram-se motivados e distantes das características que assumem os professores em EDP.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, P. L. **Estilo de vida e insatisfação referida quanto ao trabalho entre professores de educação física de Florianópolis**. 2005. 94 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PSPB0102.pdf> Acesso em: 10 dez. 2007.
- COUTINHO, Miguel Posso; MACHADO, F. A.; NARDES, Leandro Kegler. Educação Física: os motivos dessa escolha profissional. **Revista de Educação Física** (Exército Brasileiro), n. 131, p. 23-9, 2005.
- DESSBESELL, Giliane. Não sou desse tipo! Professores de educação física e o temor de serem confundido com um “rola a bola”. **Revista Didática Sistêmica**, v. 16, n. 1, p. 100–112, 2014. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/redsis/article/viewFile/5122/3167> Acesso em:
- FOLLE, Alexandra; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira. ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL: DA ESCOLHA À RUPTURA DA CARREIRA DOCENTE-DOI: 10.4025/reveducfis.v19i4.3521. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 19, n. 4, p. 605-618, 2008.
- FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Trajetória docente em educação física: percursos formativos e profissionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 507-523, out./dez. 2010.
- FOLLE, A.; POZZOBON, M. Professional satisfaction of physical education teacher. **FIEP Bulletin**, v. 77, p. 298-302, 2007.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime e colab. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 2, 2013.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física e cultura escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. In: CD-ROOM Anais... **III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Santa Maria-RS. 2006.

HUBERMAN, M. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, p. 31-61, 1992.

MACHADO, Thiago da Silva. et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2010.

MATURANO AC. **Conhecendo as profissões**. Disponível em: <<http://www.plugcom.net/colunistas.htm>>. Acesso em 16 jan. 2004.

NEIRA, Marcos Garcia. A proposta curricular do Estado de São Paulo na perspectiva dos saberes docentes. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, v. 25, n. supl. 6, p. 23–27, 2011.

PAZ, Bianca Oliveira da e SILVA, José Ricardo. A Contribuição Da Proposta Curricular Estadual Em Contraposição À Não Aula. **Colloquium Vitae**, v. 6, n. Especial, p. 10–16, 2014. Disponível em: <[http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Vitae/Educação Física/A CONTRIBUIÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR ESTADUAL EM CONTRAPOSIÇÃO À NÃO AULA.pdf](http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Vitae/Educação%20Física/A%20CONTRIBUIÇÃO%20DA%20PROPOSTA%20CURRICULAR%20ESTADUAL%20EM%20CONTRAPOSIÇÃO%20À%20NÃO%20AULA.pdf)>.

PICH, S e SCHAEFFER, PA e CARVALHO, LP De. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. **Educação**. Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 631-640, set., 2013. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/7269>>. Acesso em: 7 abr 2016.

PORATH, Margareth et al. Fase de desinvestimento da carreira docente de professores de Educação Física. **Movimento**, v. 17, n. 4, p. 203-222, 2011.

SILVA, Mauro Sérgio e BRACHT, Valter. Na Pista De Práticas E Professores Inovadores Na Educação Física Escolar. **Kinesis**, v. 30, n. 1, p. 80–94, 2012.

SORIANO, Jeane Barcelos e WINTERSTEIN, Pedro José. Satisfação no trabalho do professor de educação física. **Revista Paulista de Educação**, v. 12, n. 2, p. 145–159, 1998. Disponível em: <[http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v12_n2 artigo5.pdf](http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v12_n2_artigo5.pdf)>. Acesso em: 2 abr 2016.